

## UM OLHAR HISTÓRICO-ETIMOLÓGICO ACERCA DO TOPÔNIMO CATURAI<sup>1</sup>

Ana Lourdes Cardoso DIAS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás  
analourdesd@hotmail.com

**Resumo:** A proposta desse trabalho consiste na análise do topônimo Caturai a partir de uma abordagem histórico-etimológica que relacione a origem do nome à história local. Para esse fim, esclareceremos a história da formação da cidade, com o intuito de resgatar a memória, os motivos que deram origem ao lugar e as mudanças dos nomes enquanto reflexo das transformações no contexto sócio-político da região. Num segundo momento, examinaremos os elementos linguísticos numa perspectiva semântico-etimológica, chegando a um possível significado do nome Caturai, diferente daquele que é difundido pela população local. Analisaremos, também, outros topônimos que serviram de identificação do lugar antes de Caturai, como Rio do Peixe e Santo Antônio de Pádua. Quanto ao reconhecimento dos fatores motivacionais, utilizamos o modelo taxionômico proposto por Dick (1992), que sugere uma divisão dos padrões motivadores em físico e antropocultural. Os resultados revelaram que os motivos físico-ambientais prevaleceram no processo de nomeação dessa cidade, destacando a importância dos cursos d'água para a formação e dominação de um território. Embora essa cidade tenha sido constituída por motivos religiosos – a partir da instalação de um templo espírita –, eles, aparentemente, não prevaleceram na formação do topônimo em estudo, permanecendo apenas nos aspectos socioculturais do lugar.

**Palavras-chave:** história; toponímia; topônimo; taxonomia; Caturai;

### Introdução

Este trabalho tem por base o relatório de uma pesquisa realizada na cidade de Caturai como parte da disciplina “Trabalho de Campo”. Esse curso teve o objetivo de preparar o aluno para pesquisar grupos humanos – indígenas, negros, rurais e/ou urbano – socialmente organizados. Na ocasião, foram abordadas as questões fundamentais para qualquer pesquisador. Dentre tantas, destacam-se (i) a atitude do pesquisador diante dos seus colaboradores, (ii) a ética em pesquisa; e (iii) o combate ao etnocentrismo e outras formas de dominação, como o colonialismo e o imperialismo cultural. Além de avaliar os cursistas em campo, a pesquisa tinha o interesse específico de conversar com as pessoas mais velhas da região, que pudessem, soubessem ou quisessem contar sobre a história da cidade, das manifestações religiosas, da imigração, das festas comemorativas, da explicação para o nome do lugar, dentre outras. No geral, as pessoas demonstraram interesse em participar da pesquisa, colaborando de forma espontânea, divulgando aquilo que eles acreditavam que deveriam ou poderiam expor.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Sueli de Aguiar, na disciplina Trabalho de Campo, ministrada no 1º Semestre de 2013, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pela Faculdade de Letras da UFG, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Sueli de Aguiar.

Assim, na primeira parte desse artigo, apresentaremos um panorama a respeito da história de Caturai, numa tentativa de recuperar a memória local por meio do “mito de origem” da cidade. Segundo Pinheiro (2003), os mitos são narrativas que visam reconstruir a memória da cidade, tendo como foco os tempos de seu surgimento. Esse discurso “histórico” difere das fontes documentais, pois apresenta os fatos de forma romanceada, com característica mítica e imaginária, possuindo o intuito de fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade, bem como a identidade do grupo. Também apresenta um fundador, ou família fundadora, como uma espécie de herói ou benfeitor.

Ainda na primeira parte, apresentaremos os motivos pelos quais a cidade foi fundada e o seu rápido “desenvolvimento” – em apenas uma década, ela passou de povoado à vila e de vila à município. Em seguida, faremos uma discussão relativa ao topônimo Santo Antônio de Pádua, primeiro nome do local, quando este ainda era um povoado. Nessa oportunidade, destacaremos o papel da religiosidade como fator marcante na toponímia goiana e, de modo geral, na toponímia brasileira. Posteriormente, abordaremos o topônimo Caturai, sua possível origem e as motivações que podem estar por trás da escolha desse nome. Nesse item, também discutiremos a influência dos cursos d’água – rio, riachos, foz, cachoeira e outros – na constituição da toponímia, tendo em vista o papel relevante da água para a sobrevivência dos seres humanos.

Apresentaremos, também, uma breve discussão referente à Toponímia, os pressupostos básicos dessa disciplina e sua abrangência. Ela é parte integrante da Onomástica, ciência responsável pelos estudos dos nomes próprios. Enquanto ramo dessa ciência, dedica-se aos estudos dos nomes próprios de lugares. Por fim, realizaremos uma análise taxonômica dos topônimos Rio do Peixe, Santo Antônio de Pádua e Caturai, com o objetivo de alcançar os fatores motivacionais cristalizados em seus elementos linguísticos.

## 1. Caturai através do tempo

Caturai é um pequeno município do estado de Goiás que possui uma população de aproximadamente 6.000 pessoas. Localizada na região metropolitana de Goiânia, teve início em 1930, com a chegada dos paulistas Antônio Moreira de Melo e Virgílio Moreira de Melo. Os dois irmãos compraram uma fazenda, batizada com o nome de Rio do Peixe, uma vez que se localizava às margens do rio de mesmo nome. Eram águas férteis, que possuíam peixe em abundância.

Segundo relatos de moradores da região, a esposa do senhor Virgílio Moreira de Melo, Carolina Antônia da Luz, adoeceu e, como não conseguiu a cura por meio da medicina convencional, buscou alternativas de cura em um centro espírita nos arredores de onde morava. Mas antes de recorrer ao espiritismo, fez uma promessa a Santo Antônio de Pádua. Ao ficar curada e retornar para sua casa, cumpriu a promessa feita ao santo. Fez seu esposo e o irmão dele doarem um terreno de quatro alqueires – dois cada um – para a construção de um centro espírita na fazenda.

O templo espírita foi inaugurado com o nome de Antônio de Pádua<sup>3</sup>. Logo, muitos doentes mentais começaram a aparecer na região, em busca de curas milagrosas. Eram, cada vez mais, atraídos pela divulgação dos milagres já alcançados por várias pessoas. Por esse motivo, ao lado do centro espírita foi fundado um sanatório. Ele tinha o objetivo de atender àqueles que vinham de lugares distantes e ficavam ali até se curarem. Por vezes, muitos decidiam não voltar para suas casas e viravam moradores permanentes do local. Em razão disso, rapidamente foi formado um povoado com o nome de Santo Antônio de Pádua, patrono do centro.

---

<sup>3</sup> Segundo um informante da pesquisa, os espíritas não usam o “santo” ou “santa”. Por isso, o centro espírita é Antônio de Pádua e não Santo Antônio de Pádua.

De acordo com site *Brasil Escola*, o sanatório e o centro espírita foram inaugurados em 8 de janeiro de 1938. A senhora Carolina da Luz, considerada uma pessoa de fé e caridosa, era quem administrava o sanatório, mantido com a ajuda da comunidade local. Ela era auxiliada por José Vicente e Alberto Fradique, provavelmente habitantes da cidade, que ofereciam cuidados aos enfermos com muito carinho e dedicação.

Conforme Nunes (2013), a história de Caturai começa em 1940, quando Virgílio Moreira de Melo doou o terreno para a construção do centro espírita. O autor afirma que Virgílio ficou sensibilizado com as curas espirituais de doentes mentais realizadas por empregados e agregados de sua fazenda. Ao doar as terras, juntamente com seu primo<sup>4</sup> Antônio Moreira de Melo, ele tinha a intenção de participar e incentivar outros a participarem dessa prática religiosa. Esse templo foi construído na parte mais alta da margem esquerda do pequeno Rio do Peixe, lugar considerado bastante saudável para tal finalidade, sob a invocação de Antônio de Pádua.

Nunes (2013) ainda assegura que, após um ano, em 1941, o aglomerado de casas passou a ser considerado Povoado Santo Antônio de Pádua de Inhumas. Logo em seguida, em 1943, o povoado foi reconhecido como Vila pelo município de Inhumas, conforme Doc. Lei nº 8.305, de 31 de dezembro de 1943. Esse decreto, além de reconhecer o local, legalizou a mudança da denominação do local para Distrito de Caturai, do município de Inhumas, implementada em 01 de setembro de 1944.

O “desenvolvimento” de Caturai ocorreu de forma rápida na década de 1940. Em 48, o distrito já possuía mais de 140 construções de alvenaria e uma população superior a 600 habitantes. Dez anos depois, foi promovido a município de Caturai do Estado de Goiás pela Lei Estadual nº 2132, de 14 de novembro de 1958. Esse ato foi solenemente instalado em 01 de janeiro de 1959 e, para prefeito, nomeou-se Diano Moreira de Melo, filho de Virgílio Moreira de Melo, o qual é considerado pela população como o fundador da cidade.

É interessante notar que há algumas discrepâncias com relação ao início do município. Para alguns autores, dentre eles Ortêncio (1983), a história da cidade começa com a chegada dos paulistas, Antônio Moreira de Melo e seu irmão Virgílio Moreira de Melo. Outros estudiosos apontam que essa história só tem início a partir da doação das terras para a fundação do centro espírita, em 1940. Nesse último caso, o senhor Virgílio Moreira de Melo seria primo do senhor Antônio Moreira de Melo.

Apesar das divergências, muitas informações conferem com o que foi coletado por meio das entrevistas com os moradores, constatando, assim, a importância da história, ou do mito fundador, para o regaste da memória coletiva, bem como para a afirmação da identidade e da harmonia do grupo.

## **2. Toponímia: estudo dos nomes de lugares**

A nomeação é tão-somente uma das funções que a linguagem apresenta. O ato de nomear é uma atividade inerentemente humana, resultado da vida em sociedade. Dessa forma, o estudo dos nomes próprios torna-se indispensável para refletir a relação de uma determinada linguagem com a cultura e a sociedade de uma região. Como se vê, a nomeação tem um papel muito importante, pois é por meio dos significados dos nomes que os seres humanos organizam e classificam as formas de percepção da realidade. Em outras palavras, os nomes, de um modo geral, refletem a visão de mundo de uma sociedade.

Diante dessas considerações, vale ressaltar que o estudo dos nomes próprios abrange várias áreas do conhecimento. Nesse trabalho, a nomeação será abordada pela perspectiva da Toponímia, disciplina que se integra à Onomástica, ciência que estuda os nomes próprios

---

<sup>4</sup> Foram encontradas duas versões dessa história. Em uma, eles são considerados irmãos e em outra, primos.

como um todo. Ela faz parte dos estudos da linguagem e se divide em dois campos: Antroponímia e Toponímia. Os estudos dos nomes próprios de pessoas, ou seja, nomes próprios individuais, nomes parentais ou sobrenomes e apelidos competem à Antroponímia. Já a Toponímia se ocupa do léxico toponímico, por meio da análise da motivação dos nomes próprios dados aos lugares.

A nomeação dos lugares sempre foi uma atividade muito comum para a humanidade. Desde os tempos mais remotos, os registros antigos da história da civilização humana confirmam essa ação do homem sobre o lugar que ele habitava ou pretendia habitar. Trata-se de uma forma de posseção ou dominação, bem como significação, organização e orientação do espaço físico.

Segundo Santos e Seabra (2011, p.11), o nome de um lugar, por ser iconicamente simbólico, nos fornece valiosas informações:

i) aponta a origem histórica de povos antigos e a localização, com precisão, de sítios desaparecidos; ii) oferece descrições precisas de relevos, apontando paisagens que já tenham desaparecido em decorrência da ação antrópica ou da natureza; iii) indica a localização de nomes de rochas, estruturas do solo, locais antigamente minerados; iv) aponta um amplo *corpus* de nomes de lugares que se refere à fauna atual ou desaparecida; v) indica um vasto repertório popular que designa espécies vegetais; vi) fornece conhecimento sobre a vida religiosa, agrícola, etnológica, dentre muitos outros dados.

Para estudar as motivações toponímicas, dividem-se, nas pesquisas atuais, os topônimos em duas grandes categorias: nomes de lugares motivados por natureza ambiental – física e natural – e nomes de lugares motivados por natureza antropocultural. Em outras palavras, as motivações toponímicas são analisadas numa perspectiva ambiental, física e social.

Essa atitude, concernente aos estudos toponímicos, é respaldada em Sapir (1969), que afirma que a força ambiental está condicionada à força social, isto é, os fatores físicos só irão refletir na língua se neles atuarem, primeiramente, no aspecto social. Desse modo, o surgimento de um signo linguístico toponímico de caráter ambiental reflete a influência social do grupo ou grupos que interagem nesse ambiente. A esse respeito, o autor destaca, ainda, que

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1969, p. 44).

Tendo em vista o que foi exposto, é possível afirmar que o topônimo é fruto da ação do homem sobre a natureza, bem como da natureza sobre o homem. Ele reflete as crenças, os sentimentos e a ideologia de uma comunidade no ato da nomeação. O topônimo também pode preservar aspectos importantes dos valores culturais, políticos e sociais do momento denominativo em sua estrutura interna e na externa (elementos linguísticos), além de manter traços de períodos anteriores da língua ou de línguas.

### **3. A religiosidade como elemento motivador**

Como já foi pontuado anteriormente, o topônimo carrega em sua estrutura interna elementos significativos que se referem aos fatores motivacionais. Esses fatores têm uma natureza dupla – natureza ambiental (naturais e físicos) e natureza cultural ou antropocultural. A necessidade social de nomear a realidade obriga o homem a fazer escolhas no inventário lexical disponível. Isso quer dizer que um nome não é uma palavra aleatória, tem sempre uma motivação por trás da preferência de um em detrimento do outro. Assim, o que motiva e condiciona as escolhas lexicais é o interesse humano (SAPIR, 1969). Por isso, a nomeação de um lugar sempre refletirá o interesse do denominador, individual ou coletivo, no ato denominativo (CARVALHINHOS, 2009).

Um dos fatores de natureza cultural mais marcante na toponímia brasileira é a religiosidade. Dick (1992) confirma que, do início da colonização até os dias atuais, os motivos religiosos sempre foram constantes nos diversos períodos históricos do país, um legado de um patrimônio sociocultural português. O interesse pelos assuntos sagrados leva à prevalência da hagiotoponímia (topônimos relativos a nomes de santos e de santas do hagiológico romano), em que são escolhidos nomes de penetração popular como os de São José, Santo Antônio e São João, principalmente, entre os santos, e, entre as santas, destacam-se Santana, Santa Rita e Santa Rosa.

Em Goiás essa tradição não foi diferente, como nos informa Curado (2013, p.1).

Na era dos setecentos, nos primeiros dias de Goiás, quando o chão era fecundo, inóspito e amedrontador, os primeiros topônimos, sob a influência católica, evocavam símbolos cristãos como forma de buscar auxílio divino para tão arriscada missão de ocupar o espaço geográfico do coração do Brasil.

A antiga capital do estado, Vila Boa de Goiás, teve a sua primeira denominação como Arraial de Santana, padroeira do Estado.

Ainda conforme o autor, seguindo a tradição de se nomear as cidades sob a influência dos santos e santas católicos, outras cidades do ciclo do ouro vão receber nomes como São José do Tocantins, hoje Niquelândia; Pilar de Goiás, fazendo uma relação com Nossa Senhora do Pilar; e Bonfim de Goiás, hoje Silvânia. Nos séculos seguintes, nessa mesma linha ideológica, muitos topônimos surgiram, como Santa Leopoldina (Aruanã), Santa Luzia (Aurilândia), São João Batista do Meia Ponte (Brazabranes), Santana das Antas (Anápolis), etc.

Curado (2013) aponta que, no estado de Goiás, os nomes mais escolhidos, tanto no passado como no presente, foram os de Santo Antônio e São Sebastião, confirmando o que Dick (1992) já havia apontado sobre as preferências dos nomes de santos na toponímia brasileira. Por outro lado, não se tem uma estimativa dos nomes de santas, parecendo não haver uma predileção por um único nome, já que configuram na toponímia goiana nomes de várias delas, como santa Rita, Bárbara, Luzia, Abadia, Rosa, Teresa, dentre outros.

Ao considerar a religiosidade um fator marcante na toponímia brasileira e na toponímia goiana, é possível compreender o processo de nomeação da cidade de Caturai, formada, aproximadamente, no final da década de 1930, que recebeu, como primeiro topônimo, Santo Antônio de Pádua. Todavia, a motivação para a escolha desse nome é diferente da dos primeiros desbravadores do século XVII. Esses queriam a proteção da entidade divina que doou o nome para a árdua tarefa de ocupar um lugar desconhecido. No caso que analisamos, os motivos parecem ser de outra ordem. A cidade já foi criada sob pretextos religiosos, pois se forma ao redor de um centro espírita, tendo Santo Antônio de Pádua como patrono. Os moradores apontam que o pagamento de uma promessa motivou a escolha desse santo para nomear o lugar.

É conveniente lembrar que não foi o catolicismo que estimulou a criação da cidade e sim o espiritismo. No entanto, ela foi nomeada por um santo da igreja católica. Mas, o contrário seria possível em um Estado predominantemente católico? Pode ser que não. Há a possibilidade de que esse município tenha recebido essa denominação por imposição da igreja católica, como uma forma de marcar seu espaço em oposição ao avanço do espiritismo. Assim, essa nomeação pode se configurar como uma espécie de controle diante do crescimento da fé espírita, em uma época e lugar ainda dominado pelo catolicismo.

Para fundamentar essa suposição, Pinheiro (2003) assegura que muitas cidades do interior de Goiás surgiram a partir dos patrimônios, ou seja, da doação de terras a um santo de devoção para a construção de uma capela e, conseqüentemente, a formação de um povoado. O patrimônio pertencia ao santo ao qual foi dedicado à capela. Esse processo de povoamento, no interior de Goiás, tem início no século XIX, após a decadência da mineração, chegando até a década de 1950. De acordo com o site da prefeitura municipal de Caturai, a concentração de pessoas ao redor do centro espírita deu início à criação de um patrimônio que fundou o povoado chamado Patrimônio Santo Antônio de Pádua, freguesia do município de Inhumas.

Além dos motivos religiosos e ideológicos para a escolha do topônimo Santo Antônio de Pádua, é possível, ainda, constatar uma motivação política, uma vez que um dos doadores da terra para a construção do centro espírita se chamava Antônio Moreira de Melo. Desse modo, a denominação desse lugar com o nome de Santo Antônio poderia representar, também, uma possível homenagem a esse senhor. Certamente, não se despreza o fato de que o nome dele representa a devoção de sua família em relação ao santo, caracterizando como um vínculo de dedicação a Santo Antônio.

#### **4. A água como elemento motivador**

A partir de 1944, muda-se o nome de Santo Antônio de Pádua para Caturai. Conforme os moradores que participaram da pesquisa, Caturai é um nome indígena e significa rio do peixe.

Dick (1992) aponta que o elemento “água” teve influência acentuada na toponímia brasileira, “indo ao encontro da tendência universal que sempre condicionou o homem a transformá-la em instrumento no ato denominativo” (1992, p.80), uma vez que os cursos d’água continuamente foram imprescindíveis para sobrevivência dos seres humanos e do meio ambiente em geral.

Como tendência universal, o estado de Goiás não foge à regra. Os cursos d’água serviram de inspiração para dar nomes a várias localidades no passado. Em Curado (2013), encontra-se registrado os topônimos como Água Fria (Caçu), Rio do Peixe (Caturai), Entre-Rios (Ipameri), Água Limpa (Jandaia), Riachão (Mambaí), São José do Turvo (Paraúna), Trahyras (Tupiraçaba), Manchão do Pacu (Jaupaci), Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara), Água Fria, Carmo do Rio Verde, Hidrolândia, Lagoa Santa, Piracanjuba, Rialma, Rio Quente, Rio Verde, Piranhas.

Já é fato conhecido que a geografia brasileira deve ao tupi grande parte dos nomes de lugares, apesar de aparecer nomes de outras línguas indígenas como o bororo, no centro-oeste, caribe e aruaque no Amazonas, etc. Teodoro Sampaio (*apud* Dick, 1992) afirma que o indígena fazia uso de elementos descritivos do seu ambiente, por possuir uma visão prática e objetiva do mundo. Dick (1992), complementando essa afirmação, aponta que o indígena, além de fazer uso de elementos descritivos puros, utilizava, também, os descritivos associativos no seu sistema de nomeação. Isso explica a forma que os rios eram denominados pelos povos indígenas: pela cor da água, profundidade, se tinha corredeiras, cachoeiras, pedras brilhantes, muitos peixes, dentre outros elementos. No entanto, esse mecanismo de

nomeação não se restringe ao homem do passado. Há muitos nomes descritivos na toponímia brasileira atual, como foi apontado anteriormente.

Dick (1992) considera que povos indígenas brasileiros, costumavam designar os cursos de água por meio dos significados genéricos do hidrônimo em seus dialetos de origem. No Tupi antigo, as expressões como *y/pará/paraná* são traduzidas como “água”, “mar”, “rio” em função apelativa. Os índios aruaque e caribe da região norte usavam a expressão *uêne* “rio” como em *Queceuene* (Rio Branco de hoje, *quecé* significando branco e *uêne* rio), *ári* “rio” em *Ucaiari* (*ucái*, branco e *ari* rio em aruaque). No bororo, têm-se os termos genéricos *bo* para rio, *iáo* água, *po/poba* para foz ou embocadura, *paro* para ribeirão, como em *bororeu* (*bo* água, *rereu* que corre).

No léxico de origem tupi, o estrato linguístico indígena que mais prevaleceu na toponímia nacional, o elemento “água” é indicado pelo *y* (vernacularizado em *i* ou em *u*) que Sampaio (*apud* Dick, 1992) traduziu como sendo o líquido, o fluído, o curso d’água e, por extensão, o “rio”. O *y* (ou *i*) pode aparecer no início, no fim ou no meio dos topônimos que têm essa conotação de água, rio ou curso d’água. Dessa forma, os topônimos Ipojuca (água podre), Jacaré (rio do jacaré), Carápe (rio do cará) servem de exemplo para cada uma das três posições do *y* nos topônimos que se remetem a água.

No topônimo Caturá é visível a presença do *i* final indicativo de curso d’água ou rio. Quanto a isso, as pessoas que foram entrevistadas têm razão. E quanto ao restante da palavra? Para eles *catu-* é indicativo de peixe. Encontra-se em Dick (1992, p. 68) o topônimo Pirá indicando “água do peixe”. Em Sampaio (1970, p. 66) há o registro de vários nomes com “*pirá*” significando “peixe” na língua tupi. Assim, Pirahí (rio do peixe), Pirapora (morada do peixe ou o que contém peixe), Piratí (peixe branco ou prateado), dentre outros. Por essas considerações, é visível que *catu-* não é o termo de origem tupi para designar peixe.

Sampaio (1970, p. 194) aponta *catu-* como um adjetivo que significa *bom*, *bonito* e como advérbio *bem*, *bastante*. O autor afirma que *catu* é denominação de vários rios no Brasil. Para exemplificar, tem-se *Catugy* s. c. *catú-g-y*, rio bom, a aguada boa. Além de Sampaio, encontra-se em Houaiss (2001) *-catu* como elemento pospositivo, do tupi *ka'tu* com a acepção também de bom, bonito, ocorrendo em topônimos como Botucatu (clima bom), Paracatu (rio ou mar bonito). Em Castro (2012, p. 69), encontra-se “Eucatu é o mesmo que Icatu [...], cuja derivação é a junção *y + catu*”. Atualmente é o nome de uma cidade no estado do Maranhão.

A partir dessa constatação, fica evidente que, com a mudança do topônimo de Santo Antônio de Pádua para Caturá, houve uma tentativa de fazer uma conversão do nome Rio do Peixe para o tupi-guarani, evocando uma época em que o local era uma fazenda e, segundo relatos, foi habitado por índios. Era intenção fazer uma associação dos termos rio + peixe com aqueles que têm os respectivos significados em língua indígena. Parece que foi uma tentativa frustrada, pois faltou ao denominador uma pesquisa mais acurada dos termos para uma associação fidedigna. Assim, o significado do topônimo parece ser “rio bom ou rio bonito”.

Um fato curioso, narrado em uma entrevista, apresenta um mito como motivador da mudança do nome. Segundo esse relato, um dia chegou um homem muito perturbado na casa de um senhor que fazia atendimentos espirituais. O homem estava amarrado e perturbado, pediu para ser solto e começou a conversar com o senhor. Diz-se que o espírito incorporado naquele homem era de um índio, que pediu para que a cidade não fosse nomeada de Santo Antônio e sim de Caturá, pois era o nome que essa localidade possuía quando eles, os índios, viviam ali. Como foi afirmado, é uma lenda e não existe nada que possa comprovar a sua veracidade.

O certo é que nesses processos de mudanças dos nomes de lugares, o que quase sempre justifica é a dominação política, bem perceptível nesses casos, já que são os poderosos do local que têm o poder de nomear ou mudar os nomes. As informações da bibliotecária da

cidade deixaram isso bem claro. Ela alega que quem propôs a mudança do nome Santo Antônio para Caturai foi um vereador de Inhumas chamado Garibalde Vigiano, representante do local, que na época ainda não era emancipado.

Nas palavras dessa senhora, ele fez uma pesquisa e chegou à conclusão de que o nome Caturai significaria Rio do Peixe. Dessa forma, ele propôs a mudança, que foi aceita pelos políticos locais. A partir daí, essa versão foi passada para as gerações seguintes, chegando a ser ensinada na escola. Um fato observado na cidade é que Garibalde Vigiano foi um político influente, visto que a rua principal tem o seu nome. Nessa rua, localiza-se a prefeitura, a rodoviária, a praça principal e outros espaços públicos importantes. Daí poder-se concluir a força política da pessoa e a influência que ele teve na política local.

Só para exemplificar a força política no processo de mudança na toponímia, cita-se aqui o caso de Itaberaí. Em Pinheiro (2003, p.14), encontra-se a seguinte nota.

Dando o nome Curralinho motivo para motes e piadas, o coronel Benedito Pinheiro de Abreu, então deputado estadual, solicitou à Câmara do Estado a mudança para Itaberaí. No entanto, por já existir uma outra cidade com este nome, o deputado Albatênio Caiado de Godói adicionou uma emenda ao projeto acrescentando ao vocábulo a desinência *hy*. Pelo Decreto Estadual n. 762, de 5 de agosto de 1924, aprovou-se a mudança do nome que significa em guarani Rio das Pedras Brilhantes. Esta Lei Estadual foi mandada cumprir no município pela portaria de 22 de agosto do mesmo ano quando em função do cargo de intendente o mesmo deputado Benedito Pinheiro de Abreu.

Posto isso, é importante frisar que o topônimo não é um signo comum da língua. Ele é fruto de uma escolha intencional (objetiva ou subjetiva), condicionado à cultura e ao contexto histórico-político de um grupo.

## 5. Análise taxionômica dos topônimos

Nesse estudo sobre o topônimo Caturai, acabou-se por estudar outras designações que nomearam esse município em épocas anteriores. Vê-se que esses topônimos tiveram motivações de natureza variada, física e antropocultural. Por isso, propõe-se nessa seção fazer uma análise das motivações que estão por trás dos nomes Rio do Peixe, Santo Antônio de Pádua e Caturai. Para isso, foram adotadas as taxionomias toponímicas sugeridas por Dick (1992), que distribui as 27 *taxes* em natureza física e antropocultural.

Para essa autora, os topônimos podem apresentar três estruturas: (i) topônimo ou elemento específico simples, é aquele que se faz definir por um só formante, podendo apresentar, também, sufixação diminutiva, aumentativa, além daqueles com terminações em *-landia*, *-polise*, *-burgo*. (ii) topônimo composto ou elemento específico composto, é o que se apresenta com mais de um elemento formador de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo; (iii) topônimo híbrido ou elemento específico híbrido formado por elementos linguístico de diferentes procedências.

Ao levar em conta as considerações acima, partimos para a análise taxionômica dos topônimos Rio do Peixe, Santo Antônio e Caturai, a partir das *taxes* proposta por Dick, numa espécie de ficha toponímica em que se examinará também a estrutura e etimologia dos topônimos. Para o estudo etimológico será utilizado o dicionário de Cunha (2007).

**Quadro1- Ficha toponímica de Rio do Peixe****Topônimo:** Rio do Peixe**Etimologia:** *sm.* rio ‘curso de água natural’. O termo rio é de origem latina e origina-se de *rivus -i* + preposição do lat. *de*, + peixe *sm* (zool.) animal aquático, com nadadeiras, com pele coberta, geralmente, de escamas, que respira por brânquias. Do latim *piscis -is*.**Formação lexical:** elemento específico composto.**Taxionomia de natureza física:** hidrotopônimo – topônimo resultante de acidente hidrográfico.

O topônimo Rio do Peixe foi motivado pelo curso d’água que passa nas extremidades da cidade, que, segundo os moradores, era repleto de peixes. Esse rio, muito provavelmente, foi bastante útil para a população da época, uma vez que o povoamento do local começou às margens dele, sem esquecer que o peixe sempre foi uma das principais fontes de alimentação para as populações ribeirinhas.

Dessa forma, o denominador, ao escolher esse nome, deixou evidente o aspecto significativo da geografia local, marcando uma cosmovisão do homem ligado à terra e à natureza. Esse tipo de topônimo está incluído entre aqueles apontados como descritivos associativos, por não descrever o acidente físico em si mesmo, mas um aspecto associado a ele, no caso “do peixe”.

Sua formação lexical é por meio de elemento específico composto, incluindo-se na taxionomia de natureza física, classificado como um hidrotopônimo, uma vez que é um topônimo resultante de acidente hídrico. A denominação de um lugar pelo nome do rio que o banha é um processo bastante comum no Brasil, como se pode concluir a partir do nome do estado do Tocantins, Amazonas, Maranhão e de cidades como Cuibá (MT), Rio Branco (AC), Paranã (TO) entre outros.

**Quadro 2 – Ficha toponímica de Santo Antônio de Pádua****Topônimo:** Santo Antônio de Pádua**Etimologia:** *santo adj. sm.* ‘sagrado’ ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’, segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um dos seus nomes’, do latim *sanctus -a, -um* + *Antônio* (português brasileiro) ou *Antônio* (português europeu) é um prenome masculino popular entre falantes da língua portuguesa. Deriva de *Antonius*, um nome romano de provável origem etrusca, + preposição lat. *de* + *Pádua*, uma cidade italiana que se localiza no nordeste do país, do italiano *Padova*; vêneto *Padoa*.

Entre outras coisas, a cidade é conhecida internacionalmente por ser a cidade onde Santo Antônio nasceu.

**Formação lexical:** elemento específico híbrido**Taxionomia de natureza antropológica:** hagiopônimo – topônimo relativo a nome de santo.

O topônimo Santo Antônio de Pádua está incluso na taxionomia de natureza antropológica e é classificado como hagiopônimo por se tratar de um nome que faz parte do hagiológico romano, nome de santo ou de santa. É constituído por elemento específico híbrido: Santo Antônio, um nome de origem portuguesa, e Pádua, de origem italiana.

Nesse topônimo a motivação religiosa do nome é facilmente perceptível. De acordo com a história local, esse povoado foi denominado de Santo Antônio de Pádua a partir de uma promessa feita por uma senhora que estava muito doente, fato já discutido na seção 3. O que vale ressaltar aqui é a presença da religiosidade na toponímia como uma herança de um

patrimônio sociocultural português, preservado na atualidade como indicativo de manifestação cultural do povo brasileiro.

### Quadro 3 – Ficha toponímica de Caturai

**Topônimo:** Caturai

**Etimologia:** Do Tupi *Ka'tu* que quer dizer bom, bonito, bem, bastante + *ra* que pode ser um elemento de ligação + *í* designativo de rio, curso d'água. Supõe-se que significa rio bom ou rio bonito.

**Formação lexical:** elemento simples

**Taxionomia de natureza física:** hidrotopônimo – topônimo procedente de acidente hidrográfico.

O topônimo Caturai é formado por elemento simples e se insere na taxionomia de natureza física, classificado como hidrotopônimo, pois resulta de acidente hidrográfico. A motivação para esse nome deriva do antigo topônimo Rio do Peixe, que teve a função inicial de identificar apenas o rio, passando, em seguida, a nomear o local também. Conforme entrevista com moradores, Caturai provém de língua indígena e significa Rio do Peixe, *catu*= peixe e *raí* = rio, o que não se confirma na literatura, como já foi apontado anteriormente.

No entanto, houve uma falha na junção dos elementos significativos em comparação com os do tupi, uma vez que *catu-*, nessa língua, não significa peixe e sim, *bom, bonito, bem, bastante*, como mostra a etimologia da palavra no quadro 3. Assim, uma provável significação para esse topônimo seria “rio bom” ou “rio bonito”. É possível levantar uma hipótese de que o significado do nome seria “rio bom” por ter sido um rio que possuía muitos peixes.

Ortécio (1983, p. 98) apresenta a seguinte descrição para esse topônimo: “Caturai, município goiano. Toponímia: *catu* = bom + final do topônimo Itaberaí”. No topônimo Itaberaí, indica que *ita* = pedra, *bera* = brilhante e *í* = rio, ou seja, rio das pedras brilhantes.

Os topônimos de origem indígena, quase sempre, apresentam características do ambiente físico local, revelando a experiência do homem com a natureza, própria ao modo de vida desses povos. Desse modo, o topônimo Caturai pode ser enquadrado naqueles designados de descritivos puros, por apresentar aspectos descritivos próprios à entidade denominada, ou seja, um rio que é bom, que é bonito.

No entanto, o significado do nome *Caturai* – rio bom ou rio bonito – pode levar a outra categoria taxonômica de natureza antropocultural. Ele pode ser classificado como um Animotopônimo, ou seja, topônimo que está relacionado ao psiquismo humano, ao estado d'alma. Assim, ao dizer que um rio é bom ou bonito, o denominador está expressando seu sentimento de admiração em virtude da qualidade das águas.

### Considerações finais

Este trabalho apresentou algumas discussões a respeito do topônimo Caturai, bem como dos outros dois que serviram para nomear esse município anteriormente, Rio do Peixe e Santo Antônio de Pádua.

O estudo do topônimo começou pela reconstrução dos fatos históricos e/ou os mitos de origem da cidade e do fundador. Assim, verificou-se que a cidade foi fundada pelos irmãos Virgílio e Antônio Moreira de Melo, que vieram de São Paulo para a região de Inhumas. Nessa região, compraram uma fazenda e nela se estabeleceram com a família. O nome dessa fazenda corresponde ao primeiro topônimo, Rio do Peixe.

As discussões a respeito dessa denominação mostrou a importância que os cursos d'água têm e sempre tiveram na vida dos seres humanos. Por isso, os locais às margens de um curso d'água sempre foram os preferidos durante a ocupação e povoamento de uma região.

De acordo com Dauzat (1951, *apud* CASTRO, 2012), os nomes dos cursos de água parecem estar presentes em todas as categorias toponímicas e pode ser muito relevante no que diz respeito à manutenção dos nomes, pois os rios, ao contrário das pessoas, permanecem e, geralmente, isso também acontece com as denominações dadas a eles.

Em contrapartida, o topônimo Santo Antônio de Pádua, demonstra um costume religioso que data dos primeiros colonizadores do Brasil. Esses nomeavam o local de posse ou conquista com o nome de um santo ou uma santa, com intenção de ter a proteção da entidade. Para isso, utilizavam como parâmetro, na maioria das vezes, o calendário católico-cristão para homenagear o santo do dia, tornando-o padroeiro do local. Esse costume transcendeu o momento de colonização, chegando até os dias atuais como uma marca sociocultural do povo brasileiro.

Tornar um santo padroeiro de um lugar é algo tão enraizado em nossa cultura que se têm feriados para homenageá-los no âmbito nacional, estadual e municipal. Por isso, no dia 13 de junho, comemora-se, em Caturai, o dia do patrono, Santo Antônio de Pádua. Mudou-se o nome do lugar, mas não a fé, a tradição e os costumes em relação ao santo.

Em se tratando do topônimo Caturai, algumas considerações devem ser feitas aqui. Primeiro, trata-se do significado do nome para a comunidade local, que acredita ser uma tradução de Rio do Peixe em língua indígena, sendo *catu* = peixe e *raí* = rio. Pela análise etimológica dos termos, chega-se a uma conclusão diferente, uma vez que o termo *catu* tem a acepção de bom, bonito, bem ou bastante e *í* água ou rio. Assim, infere-se que o significado seria algo como “rio bom” ou “rio bonito”.

Segundo, esse topônimo é fruto da criatividade de um político local, caracterizando-se, conforme Dick (1992), como um nome sistemático ou oficial por representar a imposição dos colonizadores ou dirigentes, ou seja, aqueles que detêm o poder de mandar. Há, também, os nomes espontâneos ou populares, nascidos pela ação conjunta da população, aparentemente, sem uma autoria identificável.

Por fim, é possível compreender como o estudo toponímico é de grande relevância para o conhecimento dos aspectos históricos, culturais, ideológicos e políticos de um povo. Além disso, permite a identificação de fatos da língua ou de línguas, como marca de um estágio anterior, assim como vestígios de contato linguístico. Por isso, Campbell (2004, p. 415) aponta que “os aspectos linguísticos dos nomes de lugar frequentemente permite fazer inferências históricas sobre as línguas e o povo que as falavam”.

## Referências Bibliográficas

BRASIL Escola. Disponível em: <<http://cidadebrasileira.brasilecola.com/goias/historia-caturai.htm>>. Último acesso: 13 de jul. 2013.

CAMPBELL, L. *Historical Linguistics: an introduction*. Cambridge. The MIT Press, 2004.

CARVALHINHOS, P. de J. *Intersecções Linguo-Culturais na Onomástica: A Questão Religiosa*, 2009. Disponível em: <<http://toponimia-usp.blogspot.com.br/2010/11/ensinar-com-pesquisa-opportunidade-de.html>>. Último acesso: 22 jun. 2012.

CASTRO, M. C. D. de. *Maranhão: sua toponímia, sua história*. Tese de doutorado – Universidade Federal de Goiás – Goiânia, 2012.

CUNHA, G. A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon editora digital, 2007.

CURADO, B. A. A. J. F. *História da Geografia em Goiás XXIV*. Goiânia, 2013. Disponível em: <[www.dm.com.br/texto/123231-historia-da-geografia-em-goias-xxiv](http://www.dm.com.br/texto/123231-historia-da-geografia-em-goias-xxiv)>. Último acesso: 26 jun. 2013.

DICK, M. V. do A. *Toponímia e Antroponímia: coletânea de estudos*. 3 ed. São Paulo: FFL/USP, 1992.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

NUNES, A. L. *História da cidade de Caturai*. Disponível em: <<http://www.cidadesdomeubrasil/go/caturai>>. Último acesso: 13 jul. 2013.

ORTÊNCIO, W. B. *Dicionário do Brasil Central: Subsídios à Filologia*. Ática, São Paulo, 1983.

PINHEIRO, A. C. C. *Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção de tradições*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás – Goiânia, 2003.

SAMPAIO, T. *Vocabulário Geográfico Brasileiro*. Editora da USP, São Paulo: 4 ed. Nacional, 1970.

SAPIR, E. *Linguística como ciência: Ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SANTOS, M. M. D. dos, SEABRA, M. C. T. C. *Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais: Análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos*, 2011. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/>>. Último acesso: 25 mai. 2013.